

MULHER GAÚCHA

Antônio Augusto Fagundes

Os velhos clarins de guerra
 desempoeirando as gargantas
 quero-querearam no pago.
 E o patrão coronelado,
 reuniu em torno parentes,
 posteiros, peões e agregados.
 Chegara um próprio do povo
 trazendo urgente recado
 que se ia pelear de novo
 e o coronel, satisfeito,
 dizia, fazendo graça:
 "vamos ver, moçada guapa,
 quem honra a estirpe farrapa
 e atropela numa carga
 por um trago de cachaça..."

Um filho saiu tenente,
 o mais velho - capitão,
 um tio ficou de major.
 (o pobre que passa o pior,
 a oficial não chega, não:
 o capataz foi sargento,
 um sota ficou de cabo
 e a peonada, e os posteiros,
 ficaram soldados rasos
 pra pelear de pé no chão...)

Carneou-se um município farto
 - vindo de estâncias vizinhas -
 houve rações de farinha,
 queijo, salame e bolacha,
 se santinguando em cachaça
 a sede dos borrachões.

E a não ser saudade e mágoa
 nada ficou pra trás
 a garganta dos peçuelos
 misturava pesadelos
 sanguessugando, voraz,
 cartuchos e caramelos,
 o talabarte e o pala,
 bolacha e pente de bala,
 fumo e chumbo - guerra e paz...
 No humilde rancho de um posto,
 um moço encilhou cavalo
 beijou a prenda e se foi.
 Na madrugada campeira
 luzia a estrela boieira
 sinuelando o arrebol
 e as barras de um dia novo
 glorificavam o horizonte
 lavando a noite defronte
 com tintas de sangue e sol.

E durante largo tempo
 ficou a moça na porta
 olhando a estrada, a chorar,

sem saber porque o marido
 tem que partir e lutar,
 não entendia de guerra!
 Pobre só votam em quem mandam
 e desconhece outra coisa
 que não seja trabalhar.

Então a moça franzina
 tomou uma decisão!
 Esqueceu delicadezas,
 ternuras de quase -noiva
 e atou os cabelos negros
 debaixo de um chapéu
 e se atirou no trabalho,
 cuidando da casa e campo,
 do gado e da plantação.

Emagreceu e tostou-se
 e enrijeceu como o aço!
 Temperando-se na luta
 madurou-se como a fruta
 que é torcida no baraço.

Montou e recorreu campo,
 botou vaca, tirou leite
 e arrastou água da sanga.
 Fez do tempo a sua canga
 no lento girar do dia
 e quando as vezes parava
 comovida, acariciava
 o ventre, que pouco a pouco
 se arredondava e crescia.

Só a noite, quando cansada
 fechava o rancho e dormia
 seu homem lhe aparecia:
 ora voltava da guerra,
 ora peleava - e morria!...
 Que triste o rancho vazio
 nas longas noites de frio
 ou nas tardes de garoa!
 Que medo de ir a estância!
 (e ao mesmo tempo, que ânsia
 de saber notícia boa!)
 Vizinha perdera o filho.
 pra outra, fora o marido.
 E um dos que tinham, morrido,
 um moço, que era tropeiro,
 quando feito prisioneiro
 tinha sido degolado
 sem nenhuma compaixão.
 E até um filho do patrão
 se ensartara numa lança
 em meio a uma contradança
 de berro, tiro e facão.

E o fulano? Que fulano?
Aquele, que era posteiro!
Moço guapo! No entrevero
é como um raio a cavalo.

Trezontonte levou um pealo
mas é sujeito de potra:
já está pronto pra outra,
sempre disposto e faceiro.

E a moça voltava ao rancho,
tão moça ainda, e tão só!
E quando fitava a estrada,
só via o vazio do nada,
o nada o silêncio e o pó.

Não sabe quem vem primeiro,
se vem o pai, ou o filho.
E os seus olhos, novo brilho
roubaram de dois luzeiros.

Cada noite, cada aurora,
vai encontrá-la a pensar:
quando o marido voltar,
de novo estará bonita
- novo vestido de chita
e novo brilho no olhar.

E quando o filho chegar,
quantas cargas de carinho
carreterão os seus dedos!
Quantos e quantos segredos
sussurrarão, bem baixinho!
E para ele, os passarinho
cantarão nos arvoredos...

Qual deles chega primeiro?

E se um deles não chegar...?

Mas a guerra segue além,
o filho ainda não vem
e ela a esperar e a esperar!...

Bendita mulher gaúcha
que sabe amar e querer!
Esposa e mãe, noiva e amante
que espera o guasca distante
e acaba por compreender
que a vida é um poço de mágoa
onde cada pingo d'água
só faz sofrer e sofrer.